

O teatro como estímulo na formação de leitores

Maria Flores Siviero Martins¹

Ruth Ceccon Barreiros²

Resumo

Um recurso de formação de leitores que pode motivar, contagiar o aluno para o hábito de ler, em todos os graus de ensino, é o teatro. O teatro auxilia o estudante no aprendizado de um determinado conteúdo ao mesmo tempo em que oferece possibilidades de divertilo, afirma Reverbel (1978). Nesta perspectiva, este trabalho apresenta proposta, na qual o teatro figura como um recurso pedagógico para a sala de aula, com o objetivo de, em uma primeira etapa, despertar no aluno o gosto pela leitura e em outra promovê-lo a leitor competente e crítico dos diversos textos presentes no meio social em que está inserido. Assim, temos como foco, nas reflexões ora apresentadas, mostrar a criação e implementação do Folhas, a qual pautou-se no uso de jogos dramáticos, como meio de preparar o aluno, na escola, para ler com proficiência.

Palavras Chaves: Leitura, Teatro, Arte e Filosofia

Abstract

A feature of training for readers who can motivate, infecting the student to the habit of reading at all levels of education, is the theater. The theater helps the student in learning of a particular content while also offering opportunities for fun so, says Reverbel (1978). From this perspective, this work presents proposal, in which the theater appears as an educational resource for the classroom, with the objective of, in a first step, awakening in the student a taste for reading and in another player to promote it competent and critical of the various texts in the social environment to which he belongs. Thus, we have a focus, the reflections now presented, showing the creation and implementation of the leaves, which is guided in the use of dramatic games as a means to prepare the student in school, to read with proficiency.

Key words: Reading, Drama, Theater, Art and Philosophy

1. Introdução

O artigo caracteriza-se como comunicação dos resultados obtidos até aqui com a pesquisa e desenvolvimento de um Folhas, e um Grupo de Trabalho em Rede (GTR) baseado em "Jogos Teatrais", realizado no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, do Governo Estadual do Paraná em uma parceria entre SETI e Unioeste/Cascavel para formação continuada de professores. O objeto deste artigo, isto é, as atividades propostas no Folhas, o qual foi aplicado em sala de aula, no Colégio Estadual Ullysses Guimarães em Foz do Iguaçu – PR contempla aspectos do desenvolvimento cultural de adolescentes com a linguagem teatral nas segundas e terceiras séries do ensino médio.

As informações do presente artigo estarão organizada de tal forma que, inicialmente, far-se-á uma breve exposição das inter-relações entre Teatro e Educação no Brasil, apresentando os referenciais teórico-práticos eleitos para a elaboração de proposta pedagógica para do uso do Teatro como recurso pedagógico para formação de leitores na educação escolar. Paralelamente será esclarecida a noção de *jogos teatrais*, articulando-a com a leitura histórico-cultural do desenvolvimento da proposta e os objetivos da investigação em curso. Logo após a Fundamentação Teórica, apresentar-se-á detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados no folhas, objeto de estudo deste artigo. Procurar-se-á mostrar como elaborar jogos teatrais envolventes e cativantes, destacando a importância da atividade lúdica como meio facilitador para leitura e interpretação de texto literário na Língua Portuguesa. Partimos do princípio de que os estudos realizados nesta disciplina, quando feitos pelo método tradicional, na maioria das vezes, não faz com que o aluno se sinta estimulado a ler e interpretar textos de qualquer gênero, tampouco os literários. Desse modo, o aluno não consegue compreender muito

dos conteúdos, prejudicando o seu desempenho escolar. Considerando-se que uma leitura proficiente é essencial para que o indivíduo possa refletir sobre o lido e sobre o contexto em está inserido.

Pelo fato de o teatro ser uma atividade que estimula a espontaneidade e a criatividade, espera-se que atributos como engenhosidade e inventividade possam ser alcançados por ocasião do desenvolvimento das atividades, uma vez que os alunos devem se sentir livres para experimentarem o ambiente físico e social do jogo teatral, motivado pelo contato direto com este mesmo ambiente lúdico. Para isso faz-se necessário que exista uma interação nos níveis intelectual, físico e intuitivo. A partir daí, em um outro momento será possível propor uma nova etapa, na qual os textos literários sejam pesquisados, apresentados e representados pelos alunos. Nesta proposta, o aluno terá que analisar os textos para, posteriormente, poder recriá-los, adaptando-os a linguagem dos jogos teatrais. Nesse exercício espera-se que ampliem seus horizontes de leitura e sintam prazer em ler, uma vez que, em geral, gostamos mais daquilo que conseguimos dar ou encontrar sentido.

Na sequência da Fundamentação Teórica e do processo de construção do Folhas, descrevemos as informações sobre a implementação da proposta na escola e finalizamos mostrando as experiências vivenciadas no programa PDE.

2. Jogos Teatrais

As pesquisas educacionais revelam que os alunos não lêem, porém não há dúvida de que a leitura é o caminho para a informação e,

principalmente, para a formação do educando. O jovem, em geral, resiste ao ensino proposto pela escola por lhe parecer pouco lúdica, quando comparada a outras formas de acesso à informação como a internet, por exemplo. Considerando-se que o sistema atual de ensino de leitura, em geral, privilegia o modelo tradicional de ensino, no qual os alunos tornam-se simples reprodutores de informações não sendo motivados, muitas vezes, a entender e refletir sobre a importância do que foi ensinado em sala de aula. Essa falta de reflexão e relação com o cotidiano interfere na interpretação e produção de textos na escola.

Em geral, os alunos não têm o hábito de ler, pois acreditam que a leitura é tediosa. O desinteresse é potencializado pela grande dificuldade no entendimento dos textos. Aumentando, ainda mais, a distância entre os educandos e o universo fantástico da literatura.

Considerando-se esta realidade escolar cabe uma pergunta: Por que o aluno não gosta de ler? No que tange ao ensino escolar Freire assevera:

O fato de todos nós termos tido tão pouca chance de testemunhar modelos libertadores faz com que seja mais fácil culpar a matéria em si, em vez de reinventar o ensino através das discussões e preleções dialógicas. Em segundo lugar, os cursos de Redação, Comunicação e Literatura podem ter corpos-de-conhecimento tão imponentes quanto qualquer outra disciplina. Esses cursos têm sido dados, tradicionalmente, de forma passiva, que aliena e silencia os estudantes, pela voz sonolenta do professor e pelos materiais distantes dos estudantes (Freire, 1997, p.63).

Diante do exposto por Freire, nota-se que não basta dizer que o aluno é desinteressado e não sabe ler, pois a maior parcela da responsabilidade no desenvolvimento das habilidades de leitura recai sobre a escola. Contudo, percebe-se que a escola, salvo raras exceções, não tem tido sucesso nesta tarefa. Então, como despertar no aluno, em escolas às vezes sem nenhuma estrutura, o gosto pela leitura? Nem sempre isso é uma tarefa fácil.

A valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para a inclusão do sujeito numa cultura letrada. Neste sentido, o ato de ler ultrapassa o patamar da simples habilidade de decodificação, é preciso ir além, adquirir a capacidade de atribuir sentido ao que foi decodificado. Ancorando-se, finalmente, na habilidade de compreender as informações que nos chegam, analisando-as e posicionando-nos criticamente frente a elas. Segundo Marisa Lajolo (1993),

“Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida em que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida”. (Lajolo, 93)

Daí se conclui que, além de despertar no aluno o gosto pela leitura, é preciso antes instrumentalizá-lo, despertar-lhe a sensibilidade, a capacidade de se situar frente ao texto lido. Sob tal ponto de vista, o domínio das habilidades específicas da leitura se traduz como um dos atributos que evitam a evasão escolar, oferecendo ao sujeito melhores chances no mercado profissional, além de permitir-lhe exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. Para que isto possa ocorrer, o educador precisa compreender que ensinar leitura é muito mais do que ensinar a decifrar códigos lingüísticos é necessário preparar o aluno para ler linhas e

entrelinhas de um texto. Para isso ele também precisa ser leitor proficiente, considerando-se que não se pode ensinar aquilo que não se sabe.

A educação deve ter como prioridade formar o cidadão e, para isso, precisa estar afinada com as novas tendências manifestadas na sociedade e estas indicam a necessidade de “uma formação geral sólida, a capacidade de manejar conceitos, o desenvolvimento do pensamento abstrato”. (Saviani, 1994:103). Faz-se necessário uma aprendizagem contínua nos processos de formação. Assim, a escola precisa formar o leitor que questiona que esteja conectado com o mundo e disposto a ler tudo com eficiência. A formação desse leitor depende da adoção de novas metodologias e de novos materiais compatíveis com a formação que se deseja em sala de aula. Essas questões apontam para a necessidade de formação continuada para o professor, o qual deve ser um “eterno aprendiz” e consciente da necessidade de aprendizagem permanente. Mas como formar o aluno como leitor crítico, transformando-o num cidadão participativo e atuante na sociedade em que vive?

Nesta tarefa, os jogos teatrais podem figurar como um recurso a mais na formação destes alunos. O emprego da técnica de jogos teatrais, utilizados para familiarizar o aluno com os textos literários, o ator com a sua personagem, em contexto educacional contribui para o melhor desenvolvimento da percepção através do ouvir, ver, falar, sentir, cheirar. Os jogos teatrais possibilitam ao educando vivenciar cada um desses sentidos, contribuindo para o seu autoconhecimento e para um melhor (re)conhecimento do mundo.

O teatro é considerado como um grande jogo, por isto usamos o termo jogos teatrais como sinônimo para teatro. Sendo assim, possibilita integração entre os elementos previsíveis e imprevisíveis

da vida humana e determina o resultado a ser obtido no texto teatral. No momento da apresentação o elenco estará envolvido, ao mesmo tempo, com elementos que ele domina, isto é, o texto e suas ferramentas para expressá-lo e com o desconhecido: as reações do público. Nota-se que para se chegar a essa etapa existem regras a serem seguidas, pré-determinadas tanto para o elenco como para o público. O público, como conhecedor do jogo, sabe que deve chegar no horário, prestar atenção no que está sendo dramatizado, ler e captar detalhes para melhor compreender a mensagem. Assim, todos contribuem ou não para um bom resultado ao final do espetáculo. Por sua vez, para que o elenco transforme o texto em elemento previsível, ele precisa buscar meios que o familiarizem com história, com o modo de pensar e sentir da sua personagem.

Os estudos nesta linha de pesquisa denominada *Teatro-Educação* exigem familiaridade com o vocabulário e saberes de dois extensos e complexos campos do conhecimento humano: o Teatro e a Educação. O ensino do Teatro na educação escolar básica nacional foi formalmente implantado há cerca de quase trinta anos. Estes presentes, em geral, na disciplina de *Educação Artística*, oferecida obrigatoriamente por força da Lei 5692/71. Embora o ensino do Teatro se encontre presente na educação escolar brasileira desde o século dezesseis, com a implementação da pedagogia inaciana pelos jesuítas, somente a partir da década de setenta incrementaram-se os estudos e investigações a respeito das inter-relações entre Teatro e Educação no país. Isto se deu, especialmente, pela formação do grupo paulista de pesquisadores nesta área, numa iniciativa da professora Dr^a Ingrid Dormien Koudela da Escola de Comunicação e Artes da Universidade do Estado de São Paulo.

Ao se aprofundar no tema, percebeu-se que o Teatro pode ser utilizado ao longo do desenvolvimento intelectual do adolescente, e

pode segundo Koudela (1992) servir para que haja uma transição gradativa, onde a criança (adolescente), através da decodificação do significado do gesto espontâneo transforma-o em uma forma de comunicação com a platéia.

A sistematização de uma proposta para o ensino do Teatro, em contextos formais e não-formais de educação, através de jogos teatrais, foi elaborada pioneiramente por Viola Spolin ao longo de quase três décadas de pesquisas junto a crianças, pré-adolescentes, adolescentes, jovens, adultos e idosos nos Estados Unidos da América. Utilizando a estrutura do *jogo com regras* como base para o treinamento de teatro, Viola Spolin ambicionava libertar a criança e o ator amador de comportamentos de palco mecânicos e rígidos. Spolin apresentou inicialmente conceitos e noções gerais sobre a proposta dos jogos, e pauta-se pelo incentivo da construção de um ambiente acolhedor. Este, por sua vez, torna possível a liberdade e a criatividade de cada um dos participantes e facilita o sucesso dos jogos.

Paralelamente a estas instâncias, o respeito pelo outro e a responsabilidade no processo propiciam o surgimento de novas relações na sala de aula. Há ainda outra particularidade dos jogos apresentados por Spolin, a maioria traz à tona a “exigência” de colaboração e ajuda mútua entre os jogadores. Especialmente nos “Jogos com parte de um todo”, essa característica encontra-se mais delineada: “Quando um jogador percebe que ele ou ela não pode puxar a corda sem alguém para esticá-la do outro lado”. A própria expressão tornar-se “parte de um todo” já vem associada à necessidade de responsabilidade, interação, observação, etc. Estão entre os objetivos destes jogos: colaboração nas atividades e tornar os jogadores interdependentes. A obra de Spolin apresenta uma série de jogos que possibilitam a construção de ambientes, personagens e

ações. O desenvolvimento de material, os exercícios de improvisação e a narração de histórias se apresentam como prioridades das oficinas. Ficam perceptíveis ainda as instruções para a preparação e apresentação pública em que se é descrito detalhadamente as questões que perpassam, desde a escolha de uma peça, os aspectos prioritários dos ensaios, a marcação de cenas até a finalização do espetáculo. Seus esforços resultaram no oferecimento de um detalhado programa de oficina de trabalho com a linguagem teatral destinado a escolas, centros comunitários, grupos amadores e companhias teatrais. A base de sua proposta pedagógica em procedimentos do teatro improvisacional interagiu com o movimento de renovação cênica do Teatro que teve início nas primeiras décadas do século passado, em todo o planeta repercutindo intensamente no meio educacional brasileiro, sobretudo a partir dos anos setenta.

A riqueza e amplitude de jogos teatrais em sala de aula, não se restringe apenas à exposição detalhada de uma seqüência de jogos e seus respectivos objetivos, focos e descrições, nem a apresentação e explicação de conceitos tão caros à linguagem teatral, mas também está em incluir o aluno em um contexto onde deve-se interagir tanto com pessoas quanto com o conhecimento para se poder atingir o objetivo de apresentar o conteúdo pretendido da melhor forma possível. Esta interação estimula o aluno a conquistar seu próprio conhecimento.

Não é aleatoriamente que expressões como: atitude, liberdade, criatividade, inventividade, comunicação, necessidade de compartilhar e comunidade se afiguram constantemente entre os objetivos dos jogos. Termos estes, muitas vezes, ausentes do universo da sala de aula. Não é possível ainda desconsiderar que as oficinas de teatro permitem aos jogadores reavaliar os espaços em que estão inseridos, tornando-os conscientes da amplitude de seus corpos.

Consciência que se estende ao tato para os aspectos físicos e sensoriais e para as comunicações verbais e não verbais. Ao mesmo tempo, a prioridade do “eu” com o “outro”, algo tão ausente na atualidade, deve ser uma premissa das atividades propostas para os alunos. Por todos esses motivos a leitura da obra literária, por meio do recurso do teatro, torna-se fundamental não apenas para aqueles que buscam experimentar as inúmeras possibilidades da articulação teatro e educação, mas, também, porque ele pode servir como um recurso para que se faça uma revisão do cotidiano da sala de aula, (re)avaliando a prática e os objetivos da própria educação.

Da diversidade de elementos que a palavra teatro apresenta, é consensual que sua essência reside na transformação do ator em personagem. Apesar de aparentemente simples, essa definição não pode excluir que, da passagem de um para o outro, há um complexo processo e uma série de questões a serem consideradas. É justamente explorando as particularidades de cada uma dessas instâncias e apresentando novos aspectos, conceitos e possibilidades da linguagem teatral, e especialmente da articulação teatro/educação, que este trabalho se organiza. Procuramos mostrar que os jogos teatrais – pensados especificamente no ambiente da sala de aula – não são meros “passatempos do currículo”. Por meio deles é possível abordar conteúdos específicos de diversas disciplinas. A partir do momento que o aluno inserir-se neste contexto de aprendizagem, vivenciando os textos literários por meio dos jogos teatrais, espera-se que, aos poucos, passe a encarar a essa leitura de forma prazerosa e torne-se mais crítico.

3 - Folhas

A proposta do Folhas configura-se na construção de texto de apoio didático/pedagógico com fundamentação teórica, dirigido aos alunos do Ensino Médio. Conforme proposta do PDE, o Folhas deve ter como referência as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, articulada aos conteúdos estruturantes de cada disciplina. No caso de Língua Portuguesa o foco está no Discurso enquanto prática social, o qual deve ser desenvolvido através das práticas de leitura, oralidade e escrita.

Nosso principal objetivo com este trabalho foi refletir e levar outros colegas professores, por meio de um Grupo de Trabalho em Rede (GTR), a refletirem sobre a necessidade de se buscar formas de atuação pedagógica mais eficazes que possam despertar nos alunos o gosto pela leitura. Compreender a importância do uso de outros recursos metodológicos para a formação de leitores, para além daqueles propostos pelo ensino tradicional de leitura, que, em geral, se configura sempre da mesma maneira, isto é, terminada a leitura do texto o próximo passo é produzir um resumo do texto. Uma proposta que pretenda a inserção de um fazer-pedagógico mais ligado à realidade social e/ou à vivência do aluno. Respalhada, principalmente em uma longa trajetória pessoal ligada à educação, que aponta para a necessidade de um olhar e um fazer educativo criterioso na condução do aluno rumo à aquisição e ampliação dos conhecimentos. Nos dias de hoje não se pode prescindir de uma formação leitora consistente. Esta opção justifica-se, considerando-se que os alunos do Ensino Médio, em sua maioria, não são leitores competentes. Pesquisas corroboram estas dificuldades tanto no Ensino Fundamental como no ensino Universitário.

Na fase inicial de construção do Folhas foi realizada uma pesquisa de campo com professores e alunos cujo objetivo era compreender a prática pedagógica, utilizada pelos professores para ensinar e

estimular a leitura no Ensino Médio. Por meio de questionário, direcionados aos alunos, verificamos suas preferências em relação à música, televisão, teatro, e, ainda, como estes entendiam a leitura em sala de aula. O questionário buscou, também, informações sobre a condição sócio-econômica destes alunos, tendo em vista que este fator pode influenciar a formação leitora.

Os dados coletados nesta pesquisa possibilitaram compreender melhor a prática pedagógica utilizada pelo professor de Língua Portuguesa para o ensino de leitura e, também, como esta prática é recebida, percebida pelos alunos do EM. Com base nestes dados, e com o intuito de incentivar a leitura, optamos por construir um Folhas focado em jogos teatrais, com o título: “A importância da leitura e o teatro como recurso para a formação de leitores críticos e criativos”. Esta opção deu-se em função de o teatro ser um recurso didático de grande valia uma vez que valoriza o crescimento individual. O teatro enquanto arte contribui para a experiência individual, coletiva e para compreensão do homem, sua maneira de pensar, sentir, agir no tempo e no espaço, seus sonhos, sentimentos e emoções. Assim, acredita-se poder gerar o gosto pela leitura por meio dos jogos teatrais.

O Folhas buscando uma interação entre aluno e texto, inicia perguntando: Você gostaria de ser um ator? E você sabe que para ser um bom ator precisa ser um bom leitor? O que é ser um bom leitor no seu ponto de vista? Estas perguntas servem para que os alunos reflitam sobre o assunto, tendo em vista que as perguntas que servem de gancho para se explicar o que realmente vem a ser ler.

De acordo com os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais), a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto a partir de seus objetivos, de

seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra, trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência, e verificação sem as quais não é possível ler com proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca e esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

Após uma explicação formal, procura-se, por meio de uma atividade, que os alunos relacionem conceitos a prática e observem que o conceito lido *informa como deve ser um bom leitor*. Depois de ler o conceito, pretende-se que o aluno identifique que nova informação o texto acrescentou para ele e que procure relacionar o conceito de leitura com sua prática de leitura.

Além de solicitar que o aluno relacione e apresente aos seus colegas, solicita-se que verifiquem se as respostas foram diferentes e por quê? Através da experiência, sabe-se que, na grande maioria, as respostas serão diferentes, e por este motivo explicamos que a diversidade de respostas ou de leituras é própria do ato de ler. O sentido de um texto não está limitado unicamente às intenções do autor do texto ou decodificação das palavras que ele apresenta, mas à capacidade do leitor de atribuir-lhe significado.

Os textos estão sempre contextualizados numa determinada situação, cultura, momento histórico, campo ideológico, crença. Além disso, uma pessoa pode entender um determinado texto mais que outra, tendo em vista que a compreensão depende dos conhecimentos pessoais que o indivíduo possui e será importante

também considerar o contexto social, ideológico, político, religioso em que vivemos.

As pessoas são diferentes e vivem em diferentes ambientes, tem diferentes posicionamentos perante os objetos lidos, mas é necessário compreender o que se lê. Uma leitura sem compreensão não é leitura. Ler sem compreender é parar na primeira etapa do processo, ou seja, na etapa da decodificação do sinal gráfico. Por isso a leitura precisa ser atenta, inteligente, uma leitura em que haja interação entre o leitor e o texto lido, um atuando sobre o outro. Ler é atribuir significado para o texto lido.

O Folhas foi escrito para que os alunos ao lerem, e executarem as atividades propostas reflitam e comecem a compreender o ato de analisar a leitura. Para estimular sugere-se que o aluno leia e analise uma tira, na qual pretendemos que o aluno perceba que a atividade de compreensão deve ir além das informações textuais, permitindo a construção de inferências, que dependem dos nossos conhecimentos prévios ou da situação. Assim, mostra-se que compreender vai além da busca de informações do texto. É uma atividade de produção de sentidos. E que ao fazermos isso, estamos nos construindo, ampliando nossa leitura de mundo.

O Folhas explica que ler as letras de uma página é apenas uma das muitas etapas da leitura e que de acordo com Alberto Manguel (1997), todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação, que nos permite dizer algo, damos o nome de linguagem. Assim mostramos ao aluno que podemos ler outros sinais e não apenas a linguagem verbal escrita.

Explicamos que na linguagem não verbal o código não é a palavra e sim o desenho, a dança, os sons, os gestos e a expressão fisionômica.

A postura corporal pode denotar constrangimento, alegria, insegurança, os olhos demonstram emoções alegres ou tristes, os gestos variam de cultura e de época e também evidenciam os sentimentos, e que no dia-a-dia nos comunicamos usando gestos, múltiplos olhares e produzindo sons e entonações. Assim, podemos olhar o mundo com múltiplos olhares, viver novas emoções por meio da leitura verbal e não verbal.

Utilizamos exemplos da crônica “Ler o mundo” publicada no site Leia Brasil (<http://www.leiabrasil.org.br/>) de Affonso Romano de Sant’Anna para mostramos a leitura em sentido amplo, que extrapola a linguagem verbal.

[...] não é só quem lê um livro que lê. Um paisagista lê a vida de maneira florida e sombreada. Fazer um jardim é reler o mundo, reordenar o texto natural. A paisagem pode ter um sotaque. Por isto se fala de um jardim italiano, de um jardim francês, de um jardim inglês. E quando os jardineiros barrocos instalavam assombrosas grutas e jorros d’água entre seus canteiros estavam saudando as elipses

Esta nova visão sobre o ato de ler é demonstrada ao aluno, ao sugerir-lhe uma atividade, na qual deve reunir-se com seus colegas e criar um pequeno texto, depois, usando a mímica tentar fazer os outros colegas de sala entenderem o que eles querem dizer. Este exercício leva o aluno a perceber que: A linguagem gestual é uma das linguagens utilizadas pelo teatro e que o teatro também é concebido como linguagem, como sistema de representação especificamente humano e um instrumento poderoso de comunicação, leitura e compreensão da realidade humana.

Procuramos propiciar ao aluno mais conhecimento sobre a arte cênica e a sua linguagem. Considerando-se as suas múltiplas linguagens como uma opção para ampliar os horizontes de leitura dos pupilos. Nas artes cênicas temos: a improvisação, os jogos teatrais e o teatro.

Mostramos que improvisar é interpretar algo, que não foi preparado anteriormente, é representar algo criado no momento da ação. Com isto o aluno desenvolve a espontaneidade, a criatividade, a imaginação e a expressão corporal. Trata-se de uma atividade dramática e pode ser preparada ou espontânea, como propões Spolin, falada ou em mímica. Pode ser prevista anteriormente por meio de um roteiro, com indicação da seqüência das ações a serem executadas durante a improvisação, ou espontânea quando criada durante a improvisação.

Os jogos teatrais propõem uma aprendizagem a partir de uma experimentação direta. Através de uma aprendizagem não verbal onde o aluno reúne seus próprios dados e consegue solucionar os problemas conquistando assim conhecimento da matéria. O foco é ao mesmo tempo um catalisador para o jogo e uma forma de criar unidade orgânica na improvisação. (Koudela, 1992)

A leitura no contexto do teatro se dá basicamente por jogos teatrais que são procedimentos lúdicos com regras explícitas onde o grupo de sujeitos que joga pode se definir em times que se alternam nas funções de atores e de público, isto é, os sujeitos “jogam para outros que os observam”, e “observam outros que jogam”, por jogos dramáticos, onde todos são fazedores da situação imaginária, todos são atores, que visam desenvolver a percepção, imaginação, memória, raciocínio e as relações simbólicas como noções de espaço, ritmo, tempo, criação e improvisação, bem como o contato com a

história e seu contexto. Sempre prioriza o lúdico, a prática e a compreensão dessa linguagem milenar.

Para que o aluno enxergue o teatro como uma leitura lúdica e viva, sugere-se que ele faça as seguintes atividades como criar um pequeno episódio a partir de uma situação, que pode ser, por exemplo: fila de mercado, festa, velório, recreio, entre outros e que forme grupos de três a cinco personagens. Pede-se que construa a personagem com nome, idade, sexo, aspecto físico, modo de andar, falar, situação familiar, ambiente em que vive, profissão, religião, situação emocional, necessidades, desejos, o que o impede de realizar seus sonhos e qual o conflito que está vivendo e o caracterize improvisando cenário, roupas, maquiagens e demais elementos e ao final organize um roteiro com duração de cinco a dez minutos e apresente para os colegas.

Seguindo a idéia de unir o texto formal ao lúdico, e para o aluno conhecer a história da linguagem teatral, descrevemos um pouco a história do teatro e explicamos que o teatro, além de ser um gênero que possibilita a leitura, pode ser um ponto de partida para que possa existir a comunhão de vidas, um momento para unir o real ao que é imaginário.

A palavra teatro vem do grego *theatron*, que significa “lugar onde se vê”. E *theatron* vem do verbo *theathai*, que significa “ver ou assistir”. Os teatros inicialmente eram um semicírculo de pedra a céu aberto, os atores representavam em um estrado de mais ou menos um metro de altura e tinha orquestra onde ficava o coro. Não havia possibilidade de mudança de cenário, existia apenas um painel de fundo fixo. Os dois gêneros teatrais mais importantes da Grécia antiga e na atualidade são: a Tragédia e a Comédia. A Tragédia tem origem no cerimonial religioso das festas dionisíacas da Antiga

Grécia e narra além de feitos heróicos acontecimentos que mostram a influência dos deuses sobre os humanos, o cenário era sempre um palácio. A comédia surge das festividades populares, descontraídas e profanas, faz crítica social e política aos costumes da época e por causa disso o cenário era uma praça rodeada por três casas. Desses gêneros surgiram muitos outros.

Havia apenas dois ou três atores para interpretar vários personagens de uma peça e os atores alternavam com máscaras e cabeleiras. As máscaras tinham traços acentuados, principalmente à boca e eram moldadas de tal modo que se tornava a voz audível para os espectadores. Os gregos davam o nome de *prosopon*, que significa “que tem olhos”. Mais tarde os romanos deram o nome de *persona* para as máscaras e daí que se origina personagem. O coro narrava e fazia comentários a respeito da história que era interpretada pelos atores. Os homens representavam os dois papéis, o masculino e o feminino. Somente no final do século XVI que as mulheres começaram a ser admitidas nos palcos.

Para estimular o aluno a entender melhor a história do teatro, pede-se que preencha uma cruzadinha sobre teatro e sua história. Utiliza-se o recurso de jogos onde de forma lúdica e aparentemente brincando, o aluno aprende.

Para estimular mais o aluno e trazer o teatro para o contemporâneo procuramos por meio do filme “Shakespeare Apaixonado” demonstrar mais conhecimentos sobre a história do teatro.

Explicamos que o filme é uma comédia romântica ambientada em 1593, e narra a história do jovem astro do teatro Londrino Will Shakespeare, que sofre de um bloqueio criativo e que tudo muda quando Lady Viola, que queria ser atriz, entra em sua vida. Uma ousadia sem limites para sua época, pois atuar em peças teatrais era

uma verdadeira depravação. Para conseguir realizar seu sonho, Viola disfarça-se de homem para fazer um teste na peça de Will. Mas o disfarce vai caindo à medida que a paixão começa. E a pena de Will começa a fluir novamente, dessa vez, transformando o amor em palavras, com Viola tornando-se sua Julieta na vida real.

Procuramos com a sinopse, instigarmos, por meio de uma atividade de pesquisa, o aluno a conhecer quem foi William Shakespeare e qual a sua importância para o teatro com o objetivo que o aluno sinta prazer em descobrir e se inserir no contexto do filme.

O Folhas também apresenta outros elementos como, figurino, espaço cênico, entre outros, que são base para montagem e o melhor entendimento de uma peça teatral. Pretende-se com isso demonstrar que o teatro é uma ação coletiva, embora o monólogo pareça uma ação solitária por ter apenas um personagem, ele também depende dos outros elementos que entram em cena: o texto verbal ou não, que dá base ao trabalho, o ator que dá vida ao texto, o encenador (ou diretor) que concebe a idéia da peça, o figurino que deve estar de acordo com a idéia, a iluminação que valoriza os demais elementos, atores e objetos; o espaço físico do teatro, o palco, a caracterização que valoriza e complementa o personagem, a sonoplastia e o público, pois, sem isso o espetáculo não acontece. Demonstramos que escrever, montar ou atuar numa peça teatral exige leitura, estudo e pesquisa, e que quando o aluno pesquisa sobre esses elementos inerentes ao teatro conhece-os em profundidade e dessa forma se torna um leitor mais crítico, pois tem seu trabalho fundamentado em três eixos norteadores que se complementam: o fazer artístico, a contextualização e a leitura da obra de arte.

Para ratificarmos nossas afirmações, explicamos que se usa o fazer artístico quando:

Cria-se o texto: Nesse caso o aluno é autor. Pode trabalhar palavras, frases, períodos, utilizando o corpo em diferentes movimentos, usando a voz ou ainda criando performances a partir do sentido geral de um texto, na forma, por exemplo, de esquetes apenas com gestos. Podem também criar novos contextos para um texto, inserir outras idéias, palavras e frases ou adaptar um texto clássico para a linguagem contemporânea, ou mesmo apresentar o texto de uma época com figurino de outra; cria-se cenário: ele é o cenógrafo. Experimenta a criação de diferentes cenários – realistas, construtivas, simbólicos; cria-se figurino: ele é figurinista. Cria figurinos com roupas novas ou usadas, transformadas, utilizando diferentes materiais, históricos ou contemporâneos é uma maneira bem divertida de deixar a imaginação fluir; cria-se os efeitos de luz: ele é o iluminador. Se não há iluminação completa a disposição, sugere-se que ele tente lançar mão de alguns recursos simples, como lanternas, abajures com papel celofane coloridos ou apagar e acender as luzes do teto em determinados momentos da apresentação. Cria-se os efeitos de som: ele é o sonoplasta. A escolha de músicas para encenação deve ser bem planejada. A turma pode também construir instrumentos que produzam sons diferentes e que podem ser usados em contra regras, ao vivo, no palco ou fora dele, cantar também e interessante e dá vida ao trabalho.

Ao sugerir o fazer artístico, conseguimos demonstrar que o texto é apenas um dos elementos do teatro e o texto teatral é composto de vários elementos diferentes e sugere-se que o aluno observe estes detalhes na prática. Verificando um texto, no qual em maiúsculo encontramos os nomes dos personagens e em itálico estão às indicações do autor sobre a maneira como os atores devem agir ou pronunciar as suas falas (ou réplicas). Essas indicações chamam-se didascálias. São elementos essenciais para construção do lugar cênico, pois fornecem indicações de lugar, mais ou menos precisas e

detalhadas, conforme os textos, funções das personagens, gestos, sinais de marcação de espaço. Essas indicações servem para o encenador (ator) construir um espaço em que se desenvolverá a ação. Na seqüência, pedimos que o aluno leia um trecho da peça O Pagador de Promessas de Dias Gomes, mas antes, perguntamos se ele conhece a peça teatral o Pagador de Promessas, e solicitamos que procure, por meio de pesquisa, informações sobre ela e sua importância no teatro brasileiro e que aproveite para verificar quem foi Dias Gomes e qual foi a sua importância para o teatro Nacional.

Como exercício, solicitamos ao aluno que rememore o que é preciso para montar uma peça teatral e escreva no caderno.

Explicamos que para desenvolver a leitura pessoal da obra apresentada, O Pagador de Promessas de Dias Gomes, ou qualquer outra, a análise deve estar embasada na leitura, observação, discussão e reflexão sobre o espetáculo teatral. Para embasarmos a análise dos alunos, demonstramos que os elementos a serem observados e trabalhados podem ser organizados em três grupos:

O espetáculo – a direção, a idéia, o gênero teatral ao qual a obra esta relacionada, o texto, os atores, os figurinos, o cenário, a iluminação, o som, entre outro; o autor – sua biografia, o contexto sócio-político de sua época e de sua obra, suas influências, seu gênero, estilo; o espaço teatral – tipo de palco, estilo arquitetônico, infra-estrutura, instalações, produção, divulgação, custos etc.

Também explicamos que embora tudo isso seja necessário para encenar uma peça teatral, o espetáculo também pode ser realizado em locais abertos, praças ou ruas, enfim em qualquer lugar dependendo da criatividade dos artistas, e que qualquer texto pode ser representado, basta adaptá-lo. Mas lembramos que ele não pode esquecer da contextualização que é feita por meio de leitura e pesquisa de biografias, história sócio-político, história da Arte do

Teatro, e que se deve sempre fazer um paralelo com o mundo contemporâneo, de modo a relacionar esse estudo com o nosso cotidiano.

O nosso trabalho tem como propósito utilizar o ensino formal para estimular o lúdico e espera-se que o lúdico faça o aluno buscar a leitura formal, num ciclo virtuoso. Assim, convidamos os alunos a encenar um conto em grupo com os colegas. Solicitamos que seja feita uma leitura do conto Tragédia Brasileira de Manuel Bandeira e em seguida pede-se que o aluno reescreva o conto de Manuel Bandeira em forma de peça teatral e convide os colegas para encená-lo. Envolvendo o número de colegas necessários, para a representação dos personagens, e que o trabalho seja desenvolvido em cima dos três eixos norteadores: o fazer artístico, a contextualização e a leitura da obra de arte.

Após um conjunto de explicações formais sempre em conjunto com atividades lúdicas, acreditamos que o próprio aluno esteja preparado para responder o porquê de o teatro ajudar na formação de leitores proficientes. E por quê ? Para ser um bom ator também precisa ser um bom leitor.

Para finalizar o trabalho propomos que o aluno reflita a respeito do parágrafo anterior e exponha suas idéias para seus colegas e façam um debate a respeito.

4. Implementação do Folhas na Escola

A implementação ocorreu com alunos do Ensino Médio, segundos anos, do Colégio Estadual Ulysses Guimarães da cidade de Foz do Iguaçu – PR, e a avaliação ocorreu durante todo o percurso do

Programa de Desenvolvimento Educacional por meio da execução e acompanhamento das atividades propostas. Os resultados obtidos até aqui com a observação de alguns aspectos do desenvolvimento cultural de adolescentes, regularmente matriculados na segunda série do ensino médio, mediados pedagogicamente pela linguagem teatral, permitem que sejam renovadas as esperanças de inclusão definitiva do Teatro no elenco das metodologias que apóiam as grades curriculares do Brasil e logram contribuir na sinalização de procedimentos que concorram para a consolidação de uma proposta pedagógica que privilegie os jogos teatrais e o fazer do teatro improvisacional na educação escolar básica nacional.

As implicações escolares-educacionais e pedagógicas do paradigma histórico-cultural do desenvolvimento humano, nas quais se insere a proposta de ensino do Teatro, apresentada no presente trabalho, assinalam a importância do que se pode fazer com ajuda de outros mais capazes e experientes e o que se faz sozinho, entregue à resolução solitária de problemas ou ao isolamento cultural em determinado grupo social. A qualidade das interações intersubjetivas, culturalmente mediadas, interfere decisivamente no processo de constituição dos sujeitos.

Percebeu-se que os professores participantes do GTR, que utilizaram parte dos exercícios propostos, relataram mudanças de comportamento nas salas de aula como uma maior mobilização dos alunos para a aprendizagem. Além disso, notamos que a atividade teatral desenvolve a oralidade, os gestos, a linguagem musical e, principalmente, a corporal dos alunos, que perdem a timidez e se relacionam melhor. Com base no exposto, a avaliação final foi de que foram obtidos ótimos resultados onde podemos comprovar que os alunos realmente buscam o conhecimento formal para elaborarem os

jogos teatrais da melhor maneira possível e assim analisam melhor os textos e por conseqüência tornam-se leitores mais críticos.

5. Atividades Desenvolvidas no GTR

Paralelamente ao trabalho, foi constituído um Grupo de Trabalho em Rede (GTR) formado por professores de língua portuguesa de escolas públicas do Paraná de diversas localidades. Este grupo acompanhou o plano de trabalho proposto e também implementou algumas atividades e, de certa forma, as validaram e sugeriram novas que podem ser incluídas em trabalhos futuros, tais como teatro de sombras, adaptações de músicas, utilização de fragmentos de texto, entre outros.

O GTR serviu como termômetro de aprovação da proposta perante o corpo docente, onde conseguimos perceber a disposição do professor frente a novas didáticas de ensino. Foi percebido que em geral os professores estão empenhados em mudar suas práticas para conseguir prender a atenção dos alunos e conseqüentemente ensiná-los melhor.

6. Conclusão

Ao término da construção e aplicação deste trabalho, pôde-se concluir que a inclusão do lúdico em sala de aula não só favorece a qualidade na transmissão do conteúdo escolar como, também, facilita a percepção do aluno em relação ao vocabulário e aos recursos lingüísticos utilizados pelos autores para a construção de um texto. Dessa forma, estimula os educandos a expressarem as suas idéias através da escrita e da oralidade sem o medo de se expor.

O trabalho tinha o desafio de apresentar uma alternativa pedagógica interessante que pudesse fazer frente ao ensino tradicional de leitura, com vistas a diminuir ou eliminar, os índices negativos das pesquisas educacionais que dizem que os alunos não lêem, que as bibliotecas tornaram-se espaços pouco utilizados, que as novas tecnologias representam uma ameaça à leitura do escrito na escola. Lembrando que a proposta pautou-se no entendimento de que ensinar leitura é muito mais do que ensinar a decifrar códigos lingüísticos. As atividades propostas demonstraram como é possível unir conceitos a atividades lúdicas como forma de preparar o aluno a ler linhas e entrelinhas de um texto. Os exercícios apresentados no folhas podem ser utilizados em todas as áreas de ensino, considerando-se que estimulam as relações sociais. Com base nestes exercícios, cabe ao professor escolher qual o tipo de “jogo” será utilizado para que se estabeleça uma melhor relação com seu grupo de alunos.

Com base no próprio sentido da palavra “grupo”; que se refere a um conjunto de pessoas que desejam e trabalham pelo mesmo propósito pode-se estabelecer um paralelo com o papel do professor que nesse caso, é o de mediador e incentivador do espírito de equipe, deixando de lado o autoritarismo em suas aulas. O professor, permitindo ao aluno se tornar ativo na busca do seu próprio conhecimento, faz com que o aluno torne-se mais crítico e conseqüentemente mais capaz de argumentar e defender, de forma lógica o seu ponto de vista, com o grupo do qual faz parte.

O problema é que esta interação entre aluno e professor muitas vezes não acontece, visto que em tese o grupo de educandos possui como objetivo: aprender, enquanto a meta do grupo docente é de ensinar. O que dificulta muitas vezes é que quando acontece o

encontro entre professores e alunos, nem sempre o grupo docente se utiliza das maneiras mais adequadas para atingir seu objetivo, em contrapartida os alunos, muitas vezes, reagem com indisciplina às regras, em geral, impostas.

Assim, o professor, no momento em que entra na sala de aula, tem a opção de estabelecer um grupo, ou uma competição entre os poderes. Isto é, o professor forma um grupo quando conscientiza que todos, igualmente, são importantes e responsáveis pelo processo de ensinar e aprender mutuamente. De modo contrário, pode gerar um confronto e uma disputa de poderes entre o seu papel e o dos alunos; que subdividem em aqueles que acatam suas ordens, ou aqueles que protestam por meio da indiferença.

Para que o professor não promova o “jogo do poder”, no qual ele se torna rival dos alunos num jogo de força, já que, em geral, é ele quem dita ordens e deseja, geralmente, encontrar estudantes que as acatem sem nada contestar. Para que esta realidade não se faça presente em sala de aula o teatro pode colaborar, entendendo, que o professor tem um papel de mediador, apoiador e supervisor. Neste contexto, cabe ao aluno inserir-se nos jogos teatrais e, caso isso não ocorra, será o próprio grupo do qual ele faz parte que irá cobrá-lo.

O presente artigo demonstra, em seu embasamento teórico e descrição dos encaminhamentos pedagógicos, como o Folhas que tem como proposta os jogos teatrais, pode figurar como um recurso a mais na formação de alunos leitores. Com isso conclui-se que a partir do momento em que o aluno insere-se no contexto de aprendizagem, vivenciando os textos literários por meio dos jogos teatrais, este aluno passa, gradativamente, a conceber a leitura de forma mais interessante e prazerosa. Evidenciou-se que os alunos realmente interagem entre si e buscam um maior conhecimento

sobre o conteúdo proposto para executarem o jogo teatral da melhor forma possível.

É importante lembrar que a função do professor não é fazer com que os educandos obedeçam às regras impostas no contexto escolar sem refleti-las e sim que eles respeitem as propostas apresentadas, participando com sugestões de estratégias para o processo de construção do conhecimento em uma perspectiva interativa. Segundo Marcellino, (1986, 59):

Quero falar aqui de um jogo, o “jogo do saber”. Pode-se praticá-lo em vários locais, ou melhor, em todo em qualquer espaço social, de uma maneira ou de outra. Sendo assim, toda a sociedade seria como uma sala de aula, sem limites de paredes ou teto. Mas, ele tem, ou deveria ter, na sala de aula das escolas um espaço privilegiado para o seu exercício. Dessa forma, procurarei apontar aqui, algumas características do “jogo do saber” dentro dos limites da sala de aula. Falar do “jogo do saber” é tentar recuperar o caráter lúdico do ensino /aprendizagem...

Nesse caso, o educador coloca em ação, o “jogo do conhecimento”, no qual promove um ambiente de diálogo em sala de aula, propício para a troca de experiências, levando, assim, o educando ao exercício da criatividade e da liberdade de expressão. Nesta perspectiva, percebe-se que as dinâmicas teatrais auxiliam tais exercícios, pois através delas o indivíduo pode liberar com maior facilidade suas emoções e sua habilidade de criação, estando em contato com diferentes maneiras de interpretar o mundo, ou seja, o texto.

Por sua vez, as dinâmicas favorecem essa percepção e o domínio das habilidades físicas, de tal forma que familiariza o indivíduo com os seus recursos próprios: entonação de voz e postura, fazendo com que se sinta preparado para lidar com as situações inesperadas que as relações humanas proporcionam.

Para inserir o aluno e professor na dinâmica do “jogo do saber” é que foi construído o Folhas, anteriormente descrito e os resultados apresentados neste artigo, demonstrando, assim, quais são as nossas intenção com cada uma das atividades propostas bem como a nossa concepção interativa de ensino-aprendizagem.

Estando os resultados de nosso trabalho limitado a apenas uma escola, seria interessante que este mesmo estudo alcançasse um número maior de escolas. Com novos dados seria possível compreender melhor o efetivo efeito dessa proposta metodológica em diferentes contextos.

5. Referências

- BANDEIRA, Manuel, 1886 – 1968. Seleta em prosa e verso. Moraes e Manuel (Organizador) Rio de Janeiro: José Olympio,
- CORREA, H.T. Educação e linguagens: Múltiplos olhares, www.interletras.com.br -v.1, nº5-jul-dez,2006 (www.unigran.br/interletras/arquivos/v5/estudoshercules.pdf)
- CARDOSO, Maria Abadia. Jogos Teatrais na Sala de Aula: Um Manual para o Professor.(www.revistafenix.pro.br)
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra ,1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 1997, Paz e Terra. São Paulo.

GOMES, Dias. O pagador de promessas. São Paulo, Tecnoprint [s.d.]. p.14.

GRUNSBURG, J; Neto, Teixeira Coelho; Cardoso, Chaves, Reni(Organizadores da Coletânea). Semiologia do teatro. São Paulo: Perspectiva, 1988.

JAPIASSU, Ricardo. A linguagem teatral na escola. Pesquisa, docência e prática pedagógica: Campinas, Sp: Papyrus, 2007.

JAPIASSU, Ricardo. Jogos teatrais na escola pública. Rev. Fac. Educ. Vol.24 n.2 São Paulo July/Dec.1998

KOCH, I.V. Ler e compreender o sentido do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOULDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Brecht: um jogo de Aprendizagem. São Paulo:Edusp/Perspectiva, 1992.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo, Ed. Ática,1993.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo, Cia.das letras, 1997.p 19.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *A sala de aula como espaço para o "jogo do saber"* in: *A sala de aula: que espaço é esse?* 2.ed. Campinas, SP, Papyrus, 1986.

REVERBEL, Olga. Teatro na sala de aula. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SANTANA, Affonso Romano de. <http://www.leiabrasil.org.br/>

SHAKESPEARE, William. "Shakespeare Apaixonado", (1998, EUA, direção John Madden) comédia românica que narra história do jovem astro do teatro Londrino William Shakespeare.

Site: <http://www.webcine.com.br/filmessi/shakespe.htm>

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo, Perspectiva, 1963.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**: o livro do professor. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SAVIANI, Demerval. Desafios para a construção coletiva da ação supervisora: Uma abordagem histórica. Série Idéias, nº 24, São Paulo, FDE, 1994.

1 Maria Flores Siviero Martins é professora de rede estadual de ensino do estado do Paraná formada em letras Português/Inglês pela Instituição Toledo de Ensino de Araçatuba - SP. Endereço Eletrônico: mariafloresmartins@yahoo.com.br

2 Ruth Ceccon Barreiros é orientadora do artigo, professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus Cascavel – PR. Endereço Eletrônico: ruthcb@uoi.com.br